



Ágora. Estudos Clássicos em debate

ISSN: 0874-5498

jtorrao@ua.pt

Universidade de Aveiro
Portugal

MORAIS, CARLOS

Glória aos vencedores, glória a Ceos (Baquilides, Odes 6-8)

Ágora. Estudos Clássicos em debate, núm. 11, 2009, pp. 13-32

Universidade de Aveiro

Aveiro, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321027642002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Glória aos vencedores, glória a Ceos (Bacquídes, *Odes* 6-8)

CARLOS MORAIS¹

Universidade de Aveiro — CLC

Abstract: After having devoted two epinicians to Argeus (*Odes* 1 and 2), in *Odes* 6-8 Bacchylides celebrates the sporting achievements of two other of his compatriots Ceos also took great pride in: Leucon and Liparion, both winners in the Olympic Games, and Nemeus, respectively. In this article, these three poems will be translated and analysed.

Keywords: Bacchylides; epinician; Panhellenic Games; *arete*; *kleos*; epithet; *glaphyron* style.

Um papiro descoberto no Egipto, em 1896, trouxe à luz do dia parte da obra perdida de Bacquídes, um poeta que os Alexandrinos, em tempos idos, haviam escolhido para integrar o catálogo dos nove maiores líricos da Hélade. Deste conjunto reduzido de poemas, publicado pela primeira vez por Kenyon, no ano seguinte ao achado (Oxford 1897), cinco são dedicados a três conterrâneos do autor, que alcançaram a glória em Jogos Pan-Helénicos: Argeu, vencedor no pugilato de rapazes no Istmo (*Odes* 1 e 2); Lácon, vencedor na corrida de rapazes em Olímpia (*Odes* 6 e 7); e, de acordo com uma hipótese pouco consensual, Lipárion, vencedor provavelmente em Nemeia, numa competição que o estado bastante mutilado do texto papirológico não permite apurar (*Ode* 8).

O estudo que nos propomos fazer circunscreve-se apenas aos três últimos destes poemas. Imediatamente após a sua tradução, feita com base na edição de Campbell (London 1992), apresentaremos a nossa leitura crítica e literária, que não descarta a controversa discussão dos limites e da estrutura das *Odes* 7 e 8, nem a análise das passagens mais obscuras e fragmentadas.

Num estilo suave e elegante que Longino (*de subl.* 33. 5) definiu como *glaphyron*, o poeta, servindo-se da comparação e do contraste, da

Texto recebido em 25.11.2008 e aceite em 27.01.2009.

¹ cmorais@ua.pt

simetria e da *variatio* e ainda de epítetos variados e ricos em pormenores descritivos e decorativos, pinta quadros harmoniosos, cheios de cor e de luz, que realçam os feitos desportivos e as qualidades dos vencedores, cuja glória individual amplia a glória colectiva de Ceos.

1. Baquilides, *Ode 6*

ΛΑΧΩΝΙ ΚΕΙΩΙ <ΠΑΙΔΙ> ΣΤΑΔΙΕΙ ΟΛΥΜΠΙΑ

Λάχων Διὸς μεγίστου
λάχε φέρτατον πόδεσσι
κῦδος ἐπ' Ἀλφεοῦ προχοαῖς[~ --
δι' ὅσσα πάροιθεν
ἀμπελοτρόφον Κέον 5
ἄεισάν ποτ' Ὀλυμπίαι
πύξ τε καὶ στάδιον κρατεῦ[σαν
στεφάνοις ἐθείρας

νεανίαι βρύοντες.
σὲ δὲ νῦν ἀναξιμόλπου 10
Οὐρανίας ὕμνος ἔκατι Νίκ[ας,
'Αριστομένειον
ὦ ποδάνεμον τέκος,
γεραίρει προδόμοις ἀοι-
δαῖς, ὅτι στάδιον κρατήσας 15
Κέον εὐκλέϊξας.

A Lácon, vencedor na corrida de rapazes em Olímpia

*Lácon, do Zeus supremo,
alcançou a suma glória, com os seus pés,
junto à embocadura do Alfeu, feito igual
a outros pelos quais, outrora,
Ceos, criadora de vinhas, 5
foi cantada em Olímpia,
como vencedora no pugilato e na corrida,
por jovens exuberantes

de cabelos com grinaldas.
E a ti, agora, um hino de Urânia, soberana do canto, 10
por vontade de Vitória
— ó filho de Aristómenes,*

*de pés velozes como o vento —,
te honra com cantos, entoados diante de tua casa,
porque, com o teu triunfo na corrida,
a Ceos deste fama.* 15

Dos epínícios perfeitamente datáveis de Baquíídes, este é o mais recente. Foi escrito para celebrar a vitória de Lácon, filho de Aristómenes, na corrida de rapazes da 82.^a Olimpíada, que teve lugar na Primavera-Verão de 452 a.C., “junto à embocadura do Alfeu” (v. 3), como se pode comprovar por um fragmento com uma lista dos vencedores em Olímpia, entre 480 a.C. (Ol. 75) e 448 a.C. (Ol. 83)². Ainda que haja testemunhos de que Lácon terá triunfado duas outras vezes nas Nemeias, esta deve constituir a sua primeira vitória em jogos pan-helénicos. É que, se estes dois sucessos tivessem sido conseguidos antes do que é referido nesta ode, seria de esperar que a eles se fizesse referência, o que na verdade não acontece.

Este epínício, além de ser um dos últimos da carreira do poeta de Ceos, é também o mais bem conservado dos poucos que, resistindo à erosão do tempo, lograram chegar até aos nossos dias. Apenas três pequenas lacunas, nos vv. 3, 7 e 11, perturbam muito ligeiramente a sua leitura, sem nunca afectar o sentido do texto. E destas, só a primeira divide os críticos quanto à melhor solução para o preenchimento das três últimas sílabas do verso. O problema decorre dos diferentes valores da palavra ὄσσα (v. 4), que pode ser interpretada como interrogativa, exclamativa ou relativa. Como sustenta Maehler (1997: 129), a primeira hipótese é improvável e a segunda, apesar de atestada em Píndaro (*O.* 13. 107 e 9. 93; *N.* 10. 41; *Péan* 6. 87-89), não se encontra em Baquíídes, pelo que a proposta de Blass (νικῶν: “vencendo”), ainda que interessante, atendendo à correspondência tautométrica com Νίκ[ας (v. 11: “...de Vitória”), perde alguma consistência³. Assim, a palavra a adoptar deverá

² *P. Oxy. II. 222, Fragmente der griechischen Historiker* III B 415 Jacoby.

³ Numa proposta interessante, adoptada pela edição teubneriana de Snell-Maehler (Leipzig 1988), Wilamowitz (1958: 263, n. 2) recupera esta conjectura de Blass, considerando que δι’ ὄσσα (v. 4) é relativo e se liga a σὲ δὲ νῶν... (vv. 10 sqq.), num verso onde a partícula δὲ é usada com valor apodótico (cf. Denniston, ²1954: 178).

ser um antecedente do relativo, que se ligue a κῦδος (v. 3: “glória”). De entre as soluções possíveis, a que se nos afigura mais adequada ao contexto é a proposta por Schwartz (προχοαῖσ[iv ἴσον: “feito igual...”), que adoptamos, ainda que consideremos igualmente plausível a hipótese formulada por Maehler (1997: 129-130): προχοαῖσ[iv τοῖον (“feito tal...”)⁴.

Constituído, tal como a *Ode* 4 em honra de Hierão, por duas estâncias simples *in responsione*, suavemente ligadas por um *enjambement* (vv. 8-9), este breve poema faz incidir toda a sua luz sobre a figura do vencedor, cujo nome surge significativamente em posição de destaque no começo do primeiro verso:

Λάκων Διὸς μεγίστου
λάχε φέρτατον πόδεσσι
κῦδος ἐπ’ Ἀλφεοῦ προχοαῖς

Lácon, do Zeus supremo
alcançou a suma glória, com os seus pés,
junto à embocadura do Alfeu...

Com esta colocação pouco comum, usada também uma única vez por Píndaro (*I.* 8.1, dedicada a Cleandro de Egina), fica claro, à partida, que Lácon será o alvo exclusivo do encómio. Sempre com o objectivo de glorificar o feito desportivo do jovem filho de Aristómenes, o poeta, servindo-se de um estilo simples e gracioso, vai do presente ao passado, logo regressando ao presente, num movimento em crescendo contínuo, pautado por um agitado e festivo ritmo eólico muito diferente dos habituais e mais solenes dáctilo-epítritos.

Num primeiro momento (vv. 1-3), o mais breve dos três que enformam a ode, proclama-se a recente vitória nos principais Jogos Pan-Helénicos. Para além da já referida identificação do vencedor, são-nos apresentados, nesta espécie de proémio, os principais dados relativos à competição e à vitória alcançada: o nome do deus patrono dos jogos (v. 1: o supremo Zeus), a prova disputada (v. 2: a corrida para rapazes) e o local

⁴ Para outras conjecturas e sua análise crítica, *vide* Jebb (1905: 295) e García Romero (1987: 448-450).

do triunfo (v. 3: “junto à embocadura do Alfeu”, ou seja, Olímpia). Mas, apesar destes detalhes, o foco nunca deixa de incidir sobre Lácon. Se os superlativos que se acumulam nos dois primeiros versos têm o efeito inquestionável de ampliar o elogio, enaltecendo a sua proeza no *agon* atlético, a justaposição do seu nome ao de Zeus (v. 1) sugere, como sublinha Finn (1980: 107), “uma directa interacção entre o humano e o divino”. E essa interacção mais evidente se torna se, do jogo de palavras entre o nome próprio Λάκων (v. 1) e a forma verbal λάχε (v. 2: “alcançou”) usada em outros contextos de vitória⁵, concluímos que, de acordo com crenças antigas, o *omen* implícito no *nomen* de Lácon acabara de se cumprir. De facto, acreditavam os Gregos que os nomes próprios encerravam um destino que determinava a sorte de quem os possuía. Assim, com esta associação de palavras — uma técnica igualmente utilizada por Píndaro⁶ —, pretende o poeta sugerir que o jovem, desde nascença, transportava em si, qual graça divina, o dom de “alcançar a glória” (v. 2), só próprio dos vencedores.

Ao atingir o seu *kleos* individual, Lácon culmina uma série de outros triunfos alcançados no passado por concidadãos seus em Olímpia, nas modalidades de pugilato e de corrida. Deste modo, acaba também ele por contribuir para o *kleos* colectivo de Ceos, causa de muitas celebrações por coros de “jovens exuberantes” (v. 9: νεανίαι βρύοντες). Sujeito da oração que preenche o centro do poema (vv. 4-9) — um espaço habitualmente ocupado por um mito — esta expressão, pelo seu posicionamento, é um exemplo, entre muitos outros, da cuidada arquitectura poética de Baquilides. Significativamente colocada no início da antístrofe e a fechar esta sequência poética, apresenta uma simetria perfeita com o sujeito da primeira oração e destinatário da ode, destacado, como vimos, na abertura da estrofe (v. 1: Λάκων...). Igualmente significativo é o participio βρύοντες que caracteriza a exuberância dos jovens coreutas, com grinaldas luxuriantes na cabeça. Tal como o epíteto ornamental ἀμπελοτρόφον (v. 5: “criadora de vinhas”) que enfatiza a abundância da

⁵ Cf. Pi. *O.* 10. 61; e *I.* 8. 64.

⁶ Cf. *O.* 7. 58-64: λάχος / Λάχεσιν; *O.* 6. 55-57: Ἰαμος / ἴων; *P.* 4. 27: μήδεσιν / Μήδεια.

terra natal de Lácon, este é um detalhe descritivo sensorialmente rico e eufórico que contribui para exacerbar o sempre crescente tom encomiástico da ode.

À semelhança da *Ode 2*, a transição do presente para o passado, verificada da primeira para a segunda parte, faz-se de forma suave e bem articulada. Esta mudança tem o seu *pivot* em *πάροιθεν* (v. 4), a que se associa, como reforço, *ποτέ* (v. 6), dois advérbios temporalmente indefinidos, que sugerem que os eventos, vagamente referidos, ocorreram num passado incerto. Toda esta indeterminação, como bem sublinha Pieper (1966: 122), não é casual, mas inegavelmente deliberada. Com ela, Baquilides procura evitar que o conjunto indistinto de outras vitórias, obtidas no passado por cidadãos de Ceos, possa obnubilar a façanha do jovem filho de Aristómenes, a única que, por comparação com aquelas, pretende exaltar. A comprová-lo está a brusca e condensada fórmula de transição — *σὲ δὲ νῦν* (v. 10) — no início da terceira e última parte, a mais extensa e mais festiva do poema, atendendo à acumulação de referências aos cantos triunfais e à honra e fama pela vitória alcançada (vv. 10-16).

Num evidente *da capo*, Baquilides, contrapondo *νῦν* a *πάροιθεν* (vv. 10 e 4), catapulta-nos de novo para o presente, focalizando a nossa atenção na concisa, mas expressiva, forma de pronome pessoal *σὲ* (v. 10), que vai distender toda a sua concentrada carga semântica no longo vocativo, expressivamente colocado no centro da antístrofe. Introduzindo uma *variatio* em relação ao início da ode, o poeta, agora, dirige-se ao jovem, designando-o pelo nome do pai e caracterizando-o com um expressivo epíteto (vv. 12-13):

Ἄριστομένειον
ὦ ποδάνεμον τέκος

ó filho de Aristómenes,
de pés velozes como o vento

Além de sublinhar as qualidades atléticas do jovem, já sucintamente referidas no v. 2 (*πόδεσσι*), o epíteto *ποδάνεμον* (v. 13), porque

tradicionalmente associado a Íris⁷, contribui também para adensar a atmosfera divina que sempre envolve uma vitória olímpica. Relacionado, no início do poema, com o patrono dos Jogos, de quem obteve a suma glória, Lácon, no clímax da ode, é elevado ao mundo dos deuses, mercê da rapidez de seus pés. Por vontade de Vitória, é celebrado por um hino de Urânia, uma das nove musas filhas de Zeus que, em Baquilides, recebe diferentes epítetos: ἀναξιφόρμιγγος (*Ode* 4. 7-8: “senhora da lira”), χρυσάμπυκος (*Ode* 5. 13: “de áureo diadema”) e, nesta ode, o também decorativo, mas perfeitamente adequado ao contexto, ἀναξιμόλπου (v. 10: “soberana do canto”). De facto, o canto como veículo de louvor é um *topos* fundamental deste epinício, como comprova a recorrência de palavras ligadas ao campo semântico da música, sobretudo na parte final da ode, onde se intensifica o elogio do atleta e se destacam as suas qualidades heróicas.

É com este mesmo intuito laudatório que o poeta, usando com mestria ora a variação ora a repetição, cria paralelos e contrastes entre as vitórias passadas de Ceos e o presente feito desportivo. Tal como a fecunda Ceos, criadora de vinhas, foi cantada em Olímpia por coros de jovens, pelas suas vitórias no pugilato e na corrida, assim também Lácon, com o seu triunfo na corrida, recebe honras de herói, sendo celebrado por um hino divino, diante de sua casa. Com a sua fama acrescenta mais fama ainda à terra que o viu nascer (v. 16).

Com este paralelo perfeito, Baquilides, como sublinha Finn (1980: 111), transforma Lácon “na personificação gloriosa da sua pátria e na memória viva dos seus primeiros campeões”.

2. Baquilides, *Ode* 7

ΤΩΙ ΑΥΤΩΙ

ὦ λιπαρὰ θύγατερ Χρόνου τε κ[αί]
Νυκτός, σὲ πεντήκοντα μηνῶν ἀμέραν
ἐκκαίδεκάτον ἐν Ὀλυμπίαι ~ –

⁷ Cf. Hom. *Il.* 2. 786, 5. 353 e 368, 11. 195, 15. 168 e 200, 18. 166, 183 e 196, 24. 95; *h. Hom. Apoll.* 107.

Διὸς] βαρυβρ[έντα Κρονίδαο] ἔκατι ...]ι τοσαιμα[5
κρίνειν τα[χυντά τε] λαιψηρῶν ποδῶν Ἑλλασι καὶ γυ[ίων ἀ]ρισταλκὲς σθένος· ὦι δὲ σὺ πρεσβύ[τατο]ν νείμης γέρας νίκας, ἐπ' ἀνθρ[ώπ]οισιν εὐδοξος κεκλή- ται καὶ πολυζή[λωτ]ος. Ἀρι[στομ]έν[ε]ιον παῖδ] ἑκόσμη[σας στε]φάν[οισι Λάχω]να	10
	12
]χε Χαιρόλαν[μ]ενον εὐσεβ[]ομωι]τωι θαυ[άτω]ι δ[]ι πατρίδος·[]νεοκρίτου[]ν ἄτεκνον[15

Ao mesmo vencedor

Ó radiosa filha do Tempo e da Noite, a ti o dia dezasseis do quinquagésimo mês em Olímpia, por vontade do tonitruante Zeus, filho de Crono,.....	5
julgar a velocidade dos ágeis pés para os Gregos e a vigorosa e eminente força dos membros; e aquele a quem atribuis a mais venerável recompensa da vitória glorioso se chama e, entre os homens, é muito invejado. Com grinaldas, adornaste o filho de Aristómenes, Lácon...	10
	12
...Querolau... ...por piedoso costume... ...ao morto... ...da pátria... ...do recém-julgado... ...sem filhos...	15

Situada numa secção do papiro com profundas lacunas, esta ode, tal como o título e a parte menos corrompida do texto deixam entender, enaltece o mesmo vencedor e o mesmo feito atlético celebrados no epinício anterior: o triunfo de Lácon de Ceos na corrida de rapazes,

nas Olimpíadas de 452 a. C., o único que se lhe conhece nestes Jogos Pan-Helénicos. Se esta afirmação é consensual entre os estudiosos de Baquilídes, o mesmo não se poderá dizer da muito discutida questão dos limites e extensão do poema, suscitada por Blass, logo na sua primeira edição da obra do poeta de Ceos (1898: LII). Defende este crítico que os fragmentos das odes que aparecem sob os números VII e VIII, na *editio princeps* de Kenyon (1897), fazem ambos parte de um mesmo poema. O seu raciocínio assenta fundamentalmente no princípio de que, se assim não fosse, teríamos dois epínícios muito breves (VI e VII) para exaltar a vitória de Lácon, o que contrariava a tendência de Baquilídes para escrever poemas de extensão diferente, sempre que repetia um tema, como acontece, por exemplo, nas duas primeiras odes. Neste caso, o poeta ora se serve de um poema longo (*Ode* 1) ora de um outro breve (*Ode* 2) para entoar loas ao triunfo de Argeu de Ceos no pugilato para rapazes, nos Jogos Ístmicos de c. 454-452 (Maehler, 1997: 7).

Adoptada por Festa (1898), por Jebb (1905) e por Edmonds (1927), esta proposta de Blass acabaria por não ter a aceitação de editores e comentadores como Maas, Snell, Wilamowitz, Maehler e Campbell, por conter incongruências de vária ordem que invalidam a hipótese de os dois textos poderem versar sobre o mesmo assunto. De facto, uma leitura atenta dos vv. 18 e 24 da *Ode* 8, onde se alude a vitórias, provavelmente de um atleta de Ceos, nos Jogos Ístmicos e Nemeus, na categoria dos homens⁸, exclui qualquer possibilidade de ser Lácon a figura central do poema. Vitoriado nas *Odes* 6 e 7, o filho de Aristómenes, como vimos já, triunfou numa competição para rapazes (παῖδες) e não para homens (ἄνδρες) e, de acordo com a inscrição de Iulis (*Inscriptiones Graecae* 12. 5. 608), terá vencido ainda duas vezes em Nemeia, mas nunca no Istmo. Apenas dois atletas de Ceos lograram obter o primeiro lugar nestas duas competições pan-helénicas: Argeu, a quem são dedicadas as *Odes* 1 e 2, e Lipárion, filho de Líparo⁹, que obteve três vitórias nos Jogos Ístmicos e uma nos Nemeus. Além disso, como sublinha García Romero (1987:

⁸ Veja-se, *infra*, o comentário à *Ode* 8.

⁹ O seu nome pode vislumbrar-se em B. 8. 9. Na reconstituição deste verso com muitas lacunas, Maas sugere que se leia Λιπά[ρον] παῖς (filho de Líparo).

460-461; 1988: 109), se os dois fragmentos pertencessem a um mesmo poema, normal seria que, tendo o triunfo de Lácon ocorrido em Olímpia, a referência a estes Jogos, no final da *Ode* 8, fosse uma alusão a este feito desportivo do jovem e não um pedido a Zeus de vitória futura nesta competição, como parece sugerir o desenvolvimento do poema e como propõe Maas que, ao reconstituir os vv. 27-28 do texto, coloca significativamente os verbos no modo optativo (τέλεσαις...ὀπάσσαις...: “oxalá atendas...e concedas...”)¹⁰. E, a crer nesta tese de unificação de Blass, natural seria também que a ordem dos poemas dedicados ao filho de Aristómenes fosse a inversa e não a que encontramos no papiro. Exigiria a lógica que o poema mais longo fosse o executado em Ceos, alguns dias depois do sucesso competitivo, e o mais breve, em Olímpia, na sequência imediata do triunfo.

Assim, a probabilidade de estarmos perante dois poemas diferentes, com duas estrofes cada, como as *Odes* 4 e 6, parece-nos a mais verosímil, ainda que tal conjectura levante problemas de natureza métrica. Não é habitual que poemas tão curtos, formados por um só par estrófico, sejam escritos em dáctilo-epítritos¹¹, como também não é usual que odes com esta cadência terminem com ritmo dactílico em vez dos esperados epítritos, conforme acontece neste epinício, numa clara violação da chamada “lei de Zuntz”¹². Neste caso particular, pode sempre pensar-se que estamos perante uma inovação do autor naquele que é o

¹⁰ Esta proposta, seguida por Snell, Maehler e Campbell, entre outros, afasta-se da de Blass, que, em consonância com os seus argumentos de unificação dos dois textos, prefere colocar os verbos no aoristo (τέλεσας... ὀπάσας..., “cumpriu... e concedeu...”). Segundo García Romero (1987: 951-986, especialmente 960-970), a “prece para o futuro”, onde se expressam desejos para o vencedor, sua família e sua pátria ou até para o próprio poeta, situa-se normalmente, tanto em Baquíledes (5. 199-200) como em Píndaro (e.g., *P.* 5. 124; *I.* 7. 49 sqq.), na secção final da ode, acompanhada de uma invocação à divindade.

¹¹ Estruturalmente similares, as *Odes* 4 e 6 de Baquíledes e a *Olimpica* 14 de Píndaro são predominantemente eólicas.

¹² De acordo com esta lei (cf. Maas, 1962: § 55, p. 41-42; Korzeniewski, 1968: 144-145; West, 1982: 72), uma estrofe em dáctilo-epítritos deve terminar em epítritos e não em dáctilos. Caso único na obra conhecida de Baquíledes, esta excepção encontra suporte, e.g., em *Pi. O.* 7 (str.), 11 (str.), 13 (str.), *P.* 9 (ep.), *N.* 11 (str., ep.).

mais recente dos seus poemas, de entre os que chegaram até aos nossos dias.

Qualquer que seja o número de estrofes — na senda de Maas (1973: 18), defendemos a hipótese de serem duas —, apenas temos quase completa a primeira, que abre com uma invocação poética, sublinhada por um epíteto luminoso ao gosto de Baquilídes (λιπαρά: “radiosa”, v. 1), mas sem referência explícita ao nome da divindade invocada. A genealogia e, sobretudo, os algo vagos atributos que se lhe apõem foram consentindo a formulação de várias conjecturas, umas prováveis, outras nem tanto. Robinson Ellis (1898: 64) sugeriu o nome de *Nike*, representação divina da Vitória. Esta hipótese, no entanto, contraria a ascendência apresentada por Hesíodo, em *Teogonia*, 383-384 (filha do Titã Palas e de Estige), e seguida por Baquilídes, no *Epigrama* 1.1 e na *Ode* 11.9. Com outra interpretação, Wilamowitz (1898: 130) optou por Selene, personificação da Lua, que terá tido 50 filhas de Endímion (cf. Pausânias, 5.1.4). Não excluindo esta possibilidade, Harrison (1898: 140-141), com base em Baquilídes, frag. 1B Snell (*P. Oxy.* 2366. 3-8), e na comparação da *Ode* 7.1 do poeta de Ceos (λιπαρά θύγατερ...) com o *Hino Homérico a Deméter*, 25 (Ἑκάτη λιπαροκρήδεμνος...), avançou ainda com o nome de outra divindade associada à Lua, Hécate, cujos poderes, de acordo com Hesíodo (*Th.* 411-452), influenciam as competições atléticas. Contudo, se aceitássemos estas duas últimas hipóteses, a genealogia apresentada por Baquilídes afastar-se-ia radicalmente da tradição e estar-se-ia a conferir a Selene uma função que não teria no século V a. C. Nesta época, argumenta Pieper (1969: 232), a deusa seria já uma força insignificante, nunca aparecendo no papel de divindade que julga o valor atlético, tal como refere Baquilídes no v. 6. Mais prováveis, em nossa opinião, serão assim as conjecturas de Crusius (1898: 162) e, sobretudo, de Jebb (1905: 296), que foi aceite pela grande maioria dos críticos. Advogou o primeiro que a invocação seria dirigida a Némesis, filha da Noite (cf. Hes. *Th.* 223) e deusa das competições desportivas, com culto em Olímpia, uma hipótese que, em seu entender, poderia ser ainda sustentada pelo jogo etimológico com o verbo νέμειν (v. 8: “atribuir”), técnica igualmente

usada por outros autores¹³. Propôs o segundo que a deusa que domina a quase totalidade da estrofe seria Hémera, considerada pela tradição, tal como pelo nosso poeta, filha da Noite (Hes. *Th.* 124) e do Tempo (E. *Supp.* 787-788), e que é a personificação do dia 16, o último dia das Olimpíadas destinado à entrega dos prémios aos atletas vencedores (cf. schol. rec. ad Pi. *O.* 5. 8)¹⁴.

Nesta extensa invocação poética, que ocupa metade do poema, tal como a da *Olímpica* 14 de Píndaro, se o nome da divindade é incerto, o conteúdo dos vv. 4 e 5, em consequência das lacunas, não o é menos. Pelo pouco que o fragmento nos deixa perceber, o poeta, muito provavelmente, começaria por afirmar que eram graça de Zeus as funções desempenhadas pela deusa apostrofada. E de seguida, a darmos crédito a um testemunho de Favorino¹⁵, faria breves referências a Héracles, a Pélops ou aos Dáctilos do Ida, considerados pela tradição os fundadores dos Jogos Olímpicos.

Nos restantes versos, de conteúdo simples e claro, mas de construção sintáctica algo elaborada, com quiasmos e palavras-chave em posição de destaque¹⁶, são enunciados os principais atributos da divindade: julgar a destreza e a força do atleta na corrida (vv. 6-7) e conceder o prémio ao vencedor, que passa a ser alvo de admiração e de inveja pela glória alcançada (vv. 8-10). Esta afirmação final serve de intróito à primeira referência ao herói deste epinício, cujo nome, Lácon, aparece destacado no fim do verso e da estrofe, em claro contraste com o que se verifica na ode anterior, onde o mesmo nome surge a abrir o poema.

Da segunda estrofe só temos estilhaços. Por isso, o pouco que se pode dizer do seu conteúdo e da sua estrutura é meramente conjectural. Maehler (1997: 128), baseando-se no eco existente entre κρίνειν (v. 6:

¹³ Cf. Pi. *P.* 10. 44 ~70; A. *Th.* 233-235; S. *Ph.* 394 ~518; Hdt. 1. 34. 1. Este jogo etimológico pode ainda sair reforçado, se aceitarmos o suplemento de Maas para o v. 14, que sugere um termo com a mesma raiz no grau σ : εὐσεβ[εῖν] ὅμοιοι.

¹⁴ O intervalo de tempo entre os Jogos Olímpicos, que começavam no dia 11 e terminavam no dia 16, alternava entre os 49 e os 50 meses lunares (cf. schol. Pi. *O.* 3. 5). Sobre a problemática em torno da identificação da divindade invocada, veja-se Pieper (1969: 229-234), Marcovich (1970: 181-184) e Maehler (1997: 132-133).

¹⁵ Cf. Marcovich (1970: 183).

¹⁶ Cf. García Romero (1986: 473-474).

“julgar”) e νεοκρίτου (v. 17: “recém-julgado”), pensa que poderia haver correspondência verbal entre as duas estrofes, como acontece nas *Odes* 4 e 6, e que, assim sendo, o elogio do vencedor poderia prolongar-se até este último verso. Desse encômio faria parte provavelmente uma breve menção a Querolau que, na opinião de Blass, poderia ser um parente morto (v. 15), cujos passos na senda da glória o herói Lácon havia seguido, contribuindo assim também, com o seu triunfo, para o *kleos* da pátria (v. 16).

3. Baquilides, *Ode* 8

[ΠΑΡΙΩΝΙ ΚΕΙΩΙ ?]

...]ιοί' ἄγων[— — (?)	8
....]ταν λιπα[ρ — —	
...]ναισεπα[— — ~ — ~ — —	10
. π]αῖδας Ἑλλά[νων ~ — ~ — —	
ὁ πο]λυαμπελ[— ~ — ~ — —	
...]τον ὕμν[— ~ —	
..]ηνος ἐν Κ[έωι	
..]ιπερ ἄνιπ[πος ~ —	15
...]π[

Πυθωνά τε μηλοθύταν	
ὕμνων Νεμέαν τε καὶ Ἴσθ[μ]όν·	
γαῖ δ' ἐπισκῆπτων χέρα	
κομπάσομαι· σὺν ἅλα-	20
θείαι δὲ πᾶν λάμπει χρέος·	
οὐτίς ἀνθρώπων κ[αθ' ὅ] Εἰλλα-	
νας σὺν ἅλικι χρόνῳ[ι	
παῖς ἐὼν ἀνὴρ τε π[λεῦ-	
νας ἐδέξατο νίκας.	25
ὦ Ζεῦ κ[ε]ραυνεγχές, κα[ὶ] ἐπ' ἀργυ]ροδίνα	
ὄχθαισιν Ἀλφειοῦ τελέσ[αις μεγ]αλοκλέας	
θεοδότους εὐχάς, περὶ κ[ρατί τ' ὀ]πά[σσαι]ς	
γλαυκὸν Αἰτωλίδος	
ἄνδρ' ἐλαίας	30
ἐν Πέλοπος Φρυγίου	
κλεινοῖς ἀέθλοις.	

(A Lipárion de Ceos ?)

...do certame...	8
...filho de Líparo...	
...(Cleonas?)...	10
...aos filhos dos Gregos...	
rico em vinhas...	
...(canto de prece?)...	
...em (Ceos?)...	
...embora sem cavalos...	15
.....	

cantando em louvor de Píton, onde se sacrificam ovelhas, de Nemeia e do Istmo. E na terra apoiando a minha mão, exultarei (pois com a verdade todo o dever brilha): ninguém de entre os Gregos, em igual espaço de tempo, como rapaz ou como homem, obteve maior número de vitórias.	20
Ó Zeus que brandes o raio, nas margens do Alfeu de argênteos redemoinhos, oxalá atendas também às suas preces de grande glória, que são dádiva dos deuses, e à volta da sua cabeça concedas a coroa verde-cinza da oliveira etólia, nos famosos Jogos do frígio Pélops.	25 30

Das duas estrofes que hipoteticamente formam esta ode (independente da anterior, como deixámos já expresso nas páginas precedentes), só a segunda nos chegou praticamente completa. Da primeira, de acordo com a proposta de Maas (1970: 320-321), seguida pela generalidade dos editores, apenas temos alguns fragmentos dos vv. 8-16 (~24-32), de difícil interpretação, tendo-se perdido por completo o que provavelmente seria a invocação poética. Ainda assim, é possível vislumbrar nestas passagens profundamente mutiladas as habituais indicações de abertura de um epínício relativamente à pátria, ao nome do vencedor e aos jogos em que foi obtida a vitória. Bastante plausíveis, as conjecturas propostas por Maas e por Körte, respectivamente, para os vv. 12 e 15, consentem a

reconstrução de dois epítetos — πο]λυαμπέλ[ου (“rica em vinhas”) e ἄνιπ[πος (“sem cavalos”) —, que são associados por Baquilides (*Ode* 6. 5) e por Píndaro (*Péan* 4. 25-27) a Ceos, topónimo que, na leitura crítica de Maas, pode divisar-se no v. 14 (ἐν Κ[έωι). Articulando esta hipótese com a afirmação de que o atleta celebrado triunfara nos Jogos Nemeus e Ístmicos (v. 18), só dois nomes, de acordo com a já referida inscrição de Iulis (*Inscriptiones Graecae* 12. 5. 608), podem ser apontados como destinatários da ode: Argeu e Lipárion. Destes, o mais provável é o segundo, já que, na senda de Maas, podemos inferir, do que nos resta do v. 9, a expressão Λιπά[ρου παῖς (“filho de Líparo”), ou seja, Lipárion, que triunfou três vezes no Istmo e uma em Nemeia, como já deixámos dito no comentário à ode anterior.

Ainda que se ignore, por falta de dados, a prova atlética em que venceu este cidadão de Ceos, é possível, no entanto, aventar algumas hipóteses sobre os jogos em que participou, com base no muito pouco que o v. 10 permite lóbrigar. Ao ler, nesta linha, Κλεω]ναῖς ou Κλεω]ναί (“Cleonas”), nome de uma povoação da Argólida, Maehler (1997: 138-139) é de opinião que a competição se realizou nos Jogos Nemeus. Diferente, contudo, é o parecer de García Romero (1987: 484-490; 1988: 114). Partindo de uma outra conjectura (κλει]ναῖς ἐπ’ ἀ[κταῖς – ~ – ~ Κίρρας, “nas ilustres costas...de Cirra”), este crítico sugere que o epínicio deve celebrar a vitória do filho de Líparo em Píton (cf. v. 17) ou, então, em jogos menores, não pan-helénicos, como acontece, por exemplo, nas odes 14 e 14B. Qualquer que tenha sido, porém, o local da competição, pode sempre inferir-se, do pouco que nos chegou, que o triunfo, pela sua excelência¹⁷, não só terá causado admiração entre os filhos dos gregos (v. 11) como também terá glorificado o nome de Ceos (v. 14), sua pátria – dois tópicos bastante plausíveis, já que recorrentes em Baquilides (2. 15-16; 9. 30-31; 10. 17-20) e em Píndaro (*O.* 7. 20; *P.* 9. 73, *P.* 11. 49-50; *P.* 12. 6).

¹⁷ Na reconstrução hipotética do v. 9, é possível vislumbrar o termo ἀρε]τάς (?) que, numa articulação perfeita com a palavra νίκας do correspondente v. 25, sublinha a excelência da vitória. Para a justificação desta conjectura, vide García Romero (1987: 487-488).

Desta hipotética referência à glória colectiva, o poeta passa, na segunda estrofe, à glória individual, enumerando os triunfos do herói de Ceos em Delfos, em Nemeia e no Istmo (vv. 17-18). Trata-se de um catálogo de vitórias que prepara o encómio do vencedor (vv. 19-25), introduzido por uma fórmula de juramento (vv. 19-20), que ecoa a da *Ode* 5. 42 e traz à memória a da *Iliada* 14. 272-274¹⁸:

χειρὶ δὲ τῇ ἐτέρῃ μὲν ἔλε χθόνα πολυβότειραν,
τῇ δ' ἐτέρῃ ἄλλα μαρμαρέην, ἵνα νῶϊν ἅπαντες
μάρτυροι ὦσ' οἱ ἔνερθε θεοὶ Κρόνον ἀμφὶς ἐόντες...

com uma mão toca na terra provedora de sons,
e com a outra no mar cintilante, para que entre nós
sejam testemunhas todos os deuses lá em baixo com Crono...

De igual modo, o poeta, na *Ode* 8, colocando a mão sobre a terra sagrada, invoca os deuses subterrâneos como testemunhas para que o punam, caso jure falsamente e se furte à proclamação da verdade (ἀλάθεια). Como afirma na sentença parentética que se segue (vv. 20-21), o seu dever de louvar a *arete* do herói só brilhará se for verdadeiro. Ora, sendo etimologicamente aquilo que impede que um acontecimento seja ocultado pelo esquecimento (λήθη), ἀλάθεια, termo destacado por uma sináfia (vv. 20-21), relaciona-se, na análise de Márquez Guerrero (1992: 65), “tanto com o elogio como com o brilho da recordação, que se opõem à obscuridade do silêncio e do esquecimento”. O poeta confirma este entendimento, ao asseverar, na *Ode* 3. 94-96, que “ao homem com êxito, não é o silêncio que traz o adorno”¹⁹. Por isso, “com a verdade das coisas belas” (*Ode* 3. 96), afasta a inveja (cf. *Ode* 5. 187-190) e louva o êxito desportivo de Lipárion, imortalizando-o e imortalizando-se também, já que se associa pelo canto à *arete* do atleta. No elogio, feito em tom superlativo e na forma negativa²⁰, deixa claro que, de entre os gregos, foi este seu conterrâneo o que mais vitórias alcançou, quer nas competições

¹⁸ Tradução de Frederico Lourenço, *Homero: Iliada* (Lisboa 2005).

¹⁹ Esta tradução e a seguinte são de F. Lourenço, *Poesia Grega: de Alcman a Teócrito* (Lisboa 2006) 83. Sobre este *topos*, veja-se ainda B. 5. 187-190; 9. 82-87; e Pi. O. 10. 1 sqq.

²⁰ Um processo idêntico é usado em B. 3. 63-66.

para rapazes quer nas competições para homens, sempre numa mesma modalidade, cujo conhecimento nos escapa, por se ter perdido grande parte do texto do epinício.

Mas, para atingir o cume da excelência, isto é, para ser um *περιοδονίκης* faltava ainda um triunfo ao herói, que vencera já em Píton, em Nemeia e no Istmo. Assim, o poeta encerra esta ode, pautada pelos habituais dáctilo-epítritos, com uma prece para o futuro, rica em epítetos (vv. 26-32). Pede a Zeus, patrono da mais célebre competição pan-helénica, que conceda a Lipárion de Ceos a possibilidade de, um dia, receber a coroa de oliveira etólia nos Jogos Olímpicos, realizados junto às “margens do Alfeu, de argênteos redemoinhos” (vv. 26-27), cujo fundador e primeiro vencedor foi o frígio Pélops, que derrotou Enómao, rei de Pisa, na corrida de carros.

Desta glória máxima do herói beneficiaria também Ceos, cuja fama de terra geradora de atletas de excelência correria o mundo helénico.

BIBLIOGRAFIA

Edições, comentários e traduções

- F. BLASS, *Bacchylidis Carmina cum Fragmentis* (Leipzig 1898).
D. CAMPBELL, *Greek Lyric. IV: Bacchylides, Corinna, and Others* (London 1992), edição adoptada.
J. M. EDMONDS, *Lyra Graeca III* (London 1927).
N. FESTA, *Le odi e i frammenti di Bacchilide* (Firenze 1898).
F. GARCÍA ROMERO, *Baquílides. Odas e Fragmentos* (Madrid 1988).
R. C. JEBB, *Bacchylides. The Poems and Fragments* (Cambridge 1905).
F. G. KENYON, *The Poems of Bacchylides, from a Papyrus in the British Museum* (London 1897).
F. LOURENÇO, *Homero: Iliada* (Lisboa 2005).
———, *Poesia Grega: de Álcman a Teócrito* (Lisboa 2006).
H. MAEHLER, *Die Lieder des Bakchylides. I: Die Siegeslieder. II: Die Dithyramben und Fragmente* (Leiden 1997).
———, *Bacchylides: A Selection* (Cambridge 2004).
B. SNELL & H. MAEHLER, *Pindarus. I: Epinicia* (Leipzig ⁸1987).
———, *Bacchylidis Carmina cum Fragmentis* (Leipzig 1988).

Estudos

- A. BAGORDO & B. ZIMMERMANN, *Bakchylides: 100 Jahre nach seiner Wiederentdeckung* (München 2000).
A. P. BURNETT, *The Art of Bacchylides* (Cambridge, Mass. 1985).
W. M. CALDER & J. STERN (eds.), *Pindaros und Bakchylides* ([Wege der Forschung 134] Darmstadt 1970).
J. D. DENNISTON, *The Greek Particles* (Oxford ²1954).
R. ELLIS, “Notes on Bacchylides”, *CR* 12 (1898) 64-66.
D. FEARN, *Bacchylides: Politics, Performance, Poetic Tradition* (Oxford 2007).
J. K. FINN, *A Study of the Elaboration and Function of Epinician Conventions in Selected Odes of Bacchylides* (Diss. Duke Univ. 1980).
F. GARCÍA ROMERO, *Estructura de la oda baquilidea: estudio compositivo y métrico* (Diss. Madrid 1987).

- F. JAKOBY, *Die Fragmente der griechischen Historiker* (Leiden 1961-1968)
- KIRKWOOD, G. M., “The Narrative Art of Bacchylides”: L. Wallach (ed.), *Studies in Honor of H. Caplan* (Ithaca 1966) 98-114.
- D. KORZENIEWSKI, *Griechische Metrik* (Darmstadt 1968).
- P. MAAS, *Greek Metre* (trad. H. Lloyd-Jones, Oxford 1962)
- , “Kolometrie in den Daktyloepitriten des Bakchylides”, *Philologus* 63 (1904) 297-309 (= W. M. CALDER & J. STERN (eds.), *Pindaros und Bakchylides* [Wege der Forschung 134] Darmstadt 1970,)
- M. MARCOVICH, “Bacchylides' Ode 7 again”, *GRBS* 11 (1970) 181-184.
- M. A. MÁRQUEZ GUERRERO, *Las gnomai de Baquilides* (Sevilla 1992).
- I. L. PFEIJFFER and S. R. SLINGS, *One Hundred Years of Bacchylides* (Amsterdam 1999).
- G. W. PIEPER, *Unity and Poetic Technique in the Odes of Bacchylides* (Diss. Univ. Illinois 1969).
- , “The Proemium of Bacchylides' Ode 7”, *GRBS* 10 (1969) 229-234.
- C. P. SEGAL, “Bacchylides Reconsidered: Epithets and the Dynamics of Lyric Narrative”, *QUCC* 22 (1976) 99-130.
- , “Choral Lyric in the Fifth Century”: P. E. Easterling and B. M. W. Knox (eds.), *The Cambridge History of Classical Literature. I: Greek Literature* (Cambridge 1985) 222-244.
- J. STERN, “An Essay on Bacchylidean Criticism”: W. M. CALDER & J. STERN (eds.), *Pindaros und Bakchylides* ([Wege der Forschung 134] Darmstadt 1970) 290-307.
- A. VILLARRUBIA, “Los símiles en la poesía de Baquilides”, *Habis* 22 (1991) 81-96.
- M. L. WEST, *Greek Metre* (Oxford 1982).
- U. von Wilamowitz-Moellendorff, “Rezension von: The Poems of Bacchylides”, *Göttingische Gelehrte Anzeigen* 160 (1898) 125-160 (= W. M. CALDER & J. STERN (eds.), *Pindaros und Bakchylides* [Wege der Forschung 134] Darmstadt 1970, 322-363)
- , *Griechische Verskunst* (Berlin 1921, reimpr. Darmstadt 1958).

* * * * *

Resumo: Depois de ter dedicado dois epinícios a Argeu (*Odes* 1 e 2), Baquilides celebra, nas *Odes* 6-8, os feitos desportivos de outros dois conterrâneos seus, também eles orgulho de Ceos: Lácon e Lipáron, vencedores nos Jogos Olímpicos e Nemeus, respectivamente. São estes três poemas que o autor traduz e analisa neste estudo.

Palavras-chave: Baquilides; epinício; Jogos Pan-Helénicos; *arete*; *kleos*; epíteto; estilo *glaphyron*.

Resumen: Después de haber dedicado dos epinicios a Argeo (*Odas* 1 y 2), en las *Odas* 6 a 8 celebra Baquilides las hazañas deportivas de otros dos contemporáneos suyos, también orgullo de Ceos: Lacón y Liparión, vencedores respectivamente en los Juegos Olímpicos y Nemeos. En este estudio se traducen y analizan estos tres poemas.

Palabras clave: Baquilides; epinício; Juegos Panhelénicos; *arete*; *kleos*; epíteto; estilo *glaphyron*.

Resumé: Après avoir dédié deux épinicies à Argeios (*Odes* 1 et 2), Bacchylide célèbre, dans les *Odes* 6-8, les exploits sportifs de deux autres contemporains, l'orgueil, eux aussi, de Céos: Lachon et Liparion, vainqueurs respectivement aux Jeux Olympiques et Néméens. Ces trois poèmes sont traduits et analysés dans cette étude.

Mots-clé: Bacchylide; épinicies; Jeux Panhelléniques; *arete*; *kleos*; épithète; style *glaphyron*.